

Policy Forum on 'Skills for Wellbeing and Social Progress'

Marina Palace Hotel, Rio de Janeiro, Brasil

Quarta-feira, 4 de dezembro de 2013

Apresentação

Este Fórum reúne líderes educacionais de todo o mundo para discutir maneiras de melhor preparar crianças e jovens para enfrentar os desafios do século 21. O encontro pretende focar o poder das competências socioemocionais, dada a crescente evidência de que essas habilidades desempenham um importante papel para o alcance do sucesso individual e social.

O evento será iniciado com uma mesa de abertura composta por Luiz Cláudio Costa, presidente do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), Koji Miyamoto, coordenador do CERI/OCDE (*Centre for Educational Research and Innovation*) e Viviane Senna, presidente do Instituto Ayrton Senna. Os convidados para a mesa de abertura delinearão o cenário e os desafios atuais da educação e trarão evidências de que as competências socioemocionais importam para o alcance de uma educação de qualidade.

As mesas de debate serão conduzidas pelo jornalista Antônio Góis, editor do jornal O Globo, que direcionará as questões relacionadas a cada sessão aos seus respectivos participantes. Em seguida, o debate será aberto aos demais gestores convidados. Durante a primeira mesa de discussão, **Desenvolvendo competências socioemocionais**, secretários de educação serão convidados a debater os desafios da implementação de políticas de desenvolvimento dessas habilidades. Na mesa seguinte, **Desafios de Avaliação**, os participantes tratarão dos instrumentos de avaliação socioemocional disponíveis e da sua necessidade de aprimoramento, bem como da necessidade de elaboração de outras ferramentas. A última mesa, **Envolvendo atores chave**, abordará a necessidade de se reunir esforços para a construção de uma agenda conjunta de desenvolvimento de competências socioemocionais.

A sessão de conclusão será conduzida por John Easton, Diretor do Institute of Education Sciences (US Department of Education).

Desenvolvendo Competências Sociemocionais

Primeira Mesa de Discussão

Introdução

Preparar as crianças e jovens para os desafios do século 21 supõe oferecer um conjunto de competências, conhecimentos e princípios éticos necessários para o sucesso acadêmico, profissional e pessoal. Entre os elementos desse conjunto complexo, estão aqueles já reconhecidos e avaliados pelos sistemas educativos, como as competências relacionadas ao raciocínio lógico e os diversos conteúdos disciplinares, mas também estão fatores que não são adequadamente capturados por testes de desempenho e em geral não fazem parte do currículo intencional das escolas, mas que são igualmente importantes para o desenvolvimento pleno do ser humano e para o progresso social e econômico das nações.

Pesquisas robustas realizadas por economistas, psicólogos e educadores nas últimas décadas revelam que competências como persistência, responsabilidade, cooperação e curiosidade são tão importantes quanto as habilidades cognitivas (medidas por testes de desempenho, QI e notas) para a obtenção de bons resultados em diversas esferas do bem estar individual e coletivo, como a continuidade dos estudos, renda, saúde e redução de violência. Mais ainda: as evidências sugerem que essas habilidades agem como um poderoso instrumento para promover a permanência dos alunos na escola e a sua aprendizagem na idade certa.

De fato, não é novidade para os educadores a ideia de que estudantes mais organizados, focados e confiantes aprendem mais, da mesma maneira que alunos mais persistentes e resilientes tendem a se comprometer com objetivos de longo prazo e lidar melhor com frustrações e conflitos. De acordo com os estudos realizados pelo Nobel de economia James Heckman e seus coautores, os construtos do domínio da *conscienciosidade*, a tendência de ser organizado e trabalhar com afinco, bem como as habilidades ligadas à *estabilidade emocional*, entre as quais controlar ansiedade e estresse, têm um impacto similar ao das medidas cognitivas nos índices de escolaridade final atingida.

No entanto, apesar do reconhecimento devotado à dimensão socioemocional por pais e professores, ainda se dedica pouco espaço ao seu desenvolvimento intencional nas escolas e à avaliação da efetividade das intervenções que tentam promovê-las. Também nesse aspecto, as pesquisas oferecem importantes pistas sobre o processo de desenvolvimento dessas competências ao longo da trajetória escolar e sobre a sua capacidade de transformação através de políticas públicas.

Os estudos mostram, tanto no caso dos atributos cognitivos quanto dos não cognitivos, que há idades e fases da vida em que os traços são mais maleáveis, sendo potencialmente mais sensíveis a intervenções destinadas a promovê-los. Grosso modo, as pesquisas apontam para uma formação bastante precoce do QI, ao passo que características não cognitivas são ainda maleáveis durante a adolescência e mesmo na vida adulta. Tais descobertas são especialmente importantes para justificar a preocupação com o desenvolvimento de competências socioemocionais ao longo de todo o ciclo educacional.

Subsídios valiosos também emergem da análise longitudinal de programas de intervenção pedagógica bem sucedidos. Sabe-se, por exemplo, que programas de educação infantil mais exitosos enfocam competências socioemocionais e têm grande impacto na aprendizagem em geral. Quanto ao currículo do ensino médio, sabe-se que programas mais promissores desenvolvem habilidades socioemocionais através de atividades nas quais os alunos aprendem a trabalhar em equipe e são chamados a assumir responsabilidades.

Ainda que haja um longo caminho a percorrer para se determinar com precisão quais são as competências que mais impactam os resultados na vida e quais são as melhores estratégias para se desenvolvê-las, já existe conhecimento científico suficiente para se afirmar que a dimensão socioemocional também importa e deve ser alvo da ação de gestores, pais, professores e alunos.

Evidentemente, afirmar que essa dimensão *também importa* significa dizer que ela não compete com a dimensão cognitiva, mas coopera com esta para o êxito escolar. Logo, questões relacionadas a atratividade da carreira, formação de professores, infraestrutura e currículo continuam sendo urgentes e imprescindíveis para alavancar a qualidade da educação, especialmente nos países em desenvolvimento. Cabe a todos, portanto, estabelecer parcerias rumo à construção de um portfolio de políticas públicas eficiente e diversificado, capaz de abarcar todas as dimensões do ser humano e garantir aprendizagem para todos.

Desafios de Avaliação

Segunda Mesa de Discussão

Introdução

No Brasil, assim como nos países da OCDE, os testes de desempenho (PISA, Prova Brasil, Exame Nacional do Ensino Médio etc.) são considerados o principal instrumento para medir a proficiência dos estudantes e avaliar a qualidade de professores, escolas e sistemas educativos. Os seus resultados servem para selecionar pessoas para o mundo acadêmico e profissional, direcionar recursos públicos e privados e orientar políticas em geral. No entanto, apesar do seu uso ser generalizado para uma ampla gama de finalidades, sabe-se que eles não capturam (ou não capturam adequadamente) uma série de fatores que importam para o sucesso acadêmico e profissional, bem como para diversas esferas do bem-estar individual e coletivo.

Pesquisas conduzidas por economistas e psicólogos nas últimas décadas, entre eles o Nobel de economia James Heckman, revelam que os testes de desempenho de que dispomos não são suficientes para prever bom resultados na escola e na vida porque deixam de capturar uma dimensão determinante para o êxito em ambos os domínios: a dimensão não cognitiva ou socioemocional. Em alguns dos mais influentes trabalhos da área, Heckman e seus coautores verificaram que estudantes com níveis semelhantes de competências cognitivas (medidas por testes de desempenho e de QI) obtiveram resultados muito díspares em várias dimensões da vida (continuidade de estudos, salários, saúde etc.), comprovando que existem fatores não cognitivos que afetam o sucesso individual e que não são apropriadamente medidos por esses testes.

De fato, se alunos que obtêm os mesmos resultados em testes padronizados apresentam trajetórias tão diferentes na escola e na vida, cabe perguntar se esses instrumentos avaliam tudo o que precisamos saber para garantir a todos o direito à educação de qualidade. Torna-se imperativo, portanto, identificar quais são as peças que faltam nesse processo e investigar as melhores maneiras de avaliá-las, de maneira a compor um sistema de avaliação realmente integral, capaz de capturar todas as dimensões envolvidas no desenvolvimento pleno do ser humano.

Para ambos os desafios, já temos pistas importantes. Com o intuito de descrever as características não cognitivas (entendidas, didaticamente, como todos os atributos que “sobram” quando retiramos da equação as competências medidas por testes de QI e de desempenho), Heckman e seus colegas mergulharam nas pesquisas psicológicas sobre personalidade, motivação e preferências, procurando fundamentos robustos e consolidados nessa

área. A partir desse mergulho, identificaram cinco domínios de competências socioemocionais que parecem resumir, de maneira razoavelmente consensual, toda a diversidade humana no que diz respeito à personalidade¹.

Lançando mão de instrumentos já validados pela psicologia para a medição desses domínios, esses pesquisadores realizaram diversos projetos de avaliação em pequena escala e chegaram a resultados que corroboram a importância dessas competências para causar o sucesso individual. Paralelamente, educadores e gestores passaram a demonstrar interesse crescente em incorporar esse tipo de avaliação aos seus sistemas de monitoramento, seja para traçar perfis de redes com o objetivo de desenhar políticas mais eficientes, seja para oferecer às escolas mais uma fonte de insumos para o trabalho pedagógico cotidiano.

Tendo em vista o acúmulo de conhecimento sobre o tema, seja oriundo de pesquisas acadêmicas, seja fruto da experiência de escolas que inovaram na sua forma de avaliar, pode-se afirmar que é chegada a hora de se repensar os sistemas tradicionais de avaliação no Brasil e no mundo. Ainda que restem importantes questões a serem respondidas no que diz respeito ao “que” e “como” avaliar, já temos informação e interesse suficientes para dar o pontapé inicial rumo à construção de um sistema de avaliação tão integral quanto a educação que pretendemos oferecer.

1. Responsabilidade: capacidade de ter disciplina, foco, organização, responsabilidade e persistência.
2. Colaboração: capacidade de ser cordial, afetuoso, generoso, confiável, solidário e piedoso.
3. Sociabilidade: capacidade de externalizar sentimentos e sensações, extrair prazer do convívio com as pessoas, saber se impor/se colocar quando preciso.
4. Estabilidade emocional: capacidade de controlar ansiedade, estresse e outros sentimentos negativos.
5. Abertura a novas ideias e experiências: capacidade de ser original, criativo, inventivo, artístico e ter interesses amplos; não tem medo do risco nem de errar.

Envolvendo atores-chave

Terceira Mesa de Discussão

Introdução

Durante os últimos anos, foram registrados importantes avanços na área de educação no mundo inteiro, principalmente no que se refere ao acesso à educação básica. Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento revelam que, entre 2000 e 2011, o número de crianças não escolarizadas no mundo caiu quase pela metade, partindo de 102 milhões e chegando a 57 milhões (um quadro ainda preocupante e que continua exigindo esforços). No entanto, esses mesmos dados revelam que, a menos de dois anos para o prazo de cumprimento das Metas do Milênio, temos a mesma taxa de evasão do ensino fundamental que tínhamos em 2000, cerca de 25%, o que significa que, das 137 milhões de crianças que entraram na escola em 2011, cerca de 34 milhões provavelmente abandonarão os estudos antes de concluírem o ensino fundamental caso nada seja feito para mudar essa realidade.

Além dos problemas de acesso e permanência, resultados de avaliações internacionais revelam que a desigualdade entre os países também persiste em termos de aprendizagem. A análise dos dados do PISA comprova que a distância entre os países melhor colocados e os últimos da classificação é abissal e intolerável (mais de 260 pontos em matemática entre China e Quirguistão na edição de 2009), contrariando o que se esperaria alcançar em 2015, quando também expira o prazo para o cumprimento do Marco Educação para Todos, da UNESCO, que tem como meta melhorar todos os aspectos da qualidade da educação e assegurar excelência para todos.

Diante desse cenário de progresso lento e desigual, cabe perguntar o que fazer para alavancar os índices educacionais de forma mais acelerada e garantir a todos as crianças e jovens não só acesso à escola, mas também à permanência e à aprendizagem. Mais que isso: como garantir que essa aprendizagem satisfaça todas as exigências da vida a partir do século 21, englobando não só as habilidades relacionadas ao letramento, numeramento e aos conteúdos curriculares tradicionais, mas também todas as competências, conhecimentos e princípios imprescindíveis para o sucesso acadêmico, profissional e pessoal em uma economia globalizada.

Ao que tudo indica, a abordagem socioemocional é um dos elementos fundamentais para se responder a essa questão. As pesquisas nas áreas de economia e psicologia demonstram que essa dimensão, geralmente negligenciada por políticas públicas e sistemas de avaliação, é especialmente relevante para reduzir as desigualdades de aprendizagem dentro dos sistemas educativos e elevar a qualidade dos sistemas como um todo. Estudos como os levados a cabo por James Heckman revelam que o desenvolvimento de habilidades não cognitivas tem impacto

duradouro na vida dos indivíduos (medidos por indicadores de escolaridade, salário e bem-estar) além de ter um impacto positivo nas habilidades cognitivas.

O desafio que se delinea no médio prazo é, portanto, transformar todo esse conhecimento acumulado em políticas públicas que efetivamente cheguem à sala de aula e impactem a vida dos alunos. Para isso, precisamos mais do que pesquisadores dedicados, professores bem formados e gestores comprometidos, mas de toda uma sociedade engajada, incluindo empresas, organizações do terceiro setor, imprensa e, sobretudo, famílias.

O momento parece propício para a formação dessa rede e temos diversos exemplos de articulações exitosas ao redor do mundo, desde parcerias entre universidades e escolas para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação socioemocional, até a união de redes de ensino, organismos multilaterais e organizações não governamentais para a condução de projetos piloto de larga escala (como o que está sendo realizado pela OCDE em parceria com o Instituto Ayrton Senna e as redes públicas do Rio de Janeiro). Empresas privadas também têm dado a sua contribuição, seja através do desenvolvimento direto de soluções educacionais e tecnológicas, seja por meio de contribuição financeira ou imaterial. Famílias, por seu turno, nunca estiveram tão cientes do papel da educação e tão demandantes por uma escola de qualidade.

Atentos às demandas dos seus cidadãos, governos do mundo todo também estão se articulando para encarar esse desafio. Alinhados aos organismos multilaterais, como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, essas nações estão construindo uma agenda supranacional baseada em diretrizes de cooperação fundamentadas nos princípios de corresponsabilização, clareza de papéis de todos os atores e foco nos resultados, enfatizando a necessidade de criação de um plano de alinhamento e a importância da sua apropriação por todos os envolvidos.